



Um livro sobre livros

Jean Pierre Chauvin*

SOARES, Lucila. **Rua do Ouvidor 110**: uma história da Livraria José Olympio. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura/Fundação Biblioteca Nacional, 2006. 203 p.

Fartamente ilustrado com gravuras, anúncios em jornais da época, além de fotografias antológicas do editor José Olympio – acompanhado de Chico Buarque, José Lins do Rego ou Getúlio Vargas – *Rua do Ouvidor 110: uma história da Livraria José Olympio* revela que a história da José Olympio confunde-se com a biografia do próprio idealizador. Lucila Soares demonstra-o por meio de linguagem simples e objetiva, sem perder a elegância e a capacidade, inerente aos escritores de talento, de nos fazer leitores cativos.

Possivelmente, esse misto de pesquisa e testemunho terá levado a autora a se defrontar com os mais marcantes momentos de sua própria trajetória de neta, herdeira do principal editor e livreiro do Brasil no século XX, à jornalista. Trata-se de ponderado e sincero livro sobre o avô “Jotaó”: um tanto, relato do homem bem sucedido, outro tanto, do contexto que o permitiu. O prefácio, assinado por Laurence Hallewell, gabaritado historiador da história dos livros, adverte para o fato de que:

A nova literatura só teria impacto no grande público, e na consciência geral da nação, quando a crise econômica global de 1929 provocou o colapso no câmbio dos mil-réis. Isto dificultou a entrada de livros estrangeiros no país e incentivou a procura pelo autor nacional, especificamente pelos romances nordestinos dos anos 1930. (p. 13).

* Doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo, professor do Curso de Redação Avançada: Leitura e escritura, na Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. E-mail: tupiano@gmail.com.





Homem munido de absoluto faro comercial, recontar a carreira de José Olympio não só diz respeito ao empresário audaz e de posturas ideológicas polêmicas – simpatizante dos integralistas e protetor dos comunistas –, em seus lances de destino favorecido pelos compadrios que recebeu e concedeu. Falar do editor implica abordar o incremento do mercado consumidor de literatura, no Brasil; envolve os principais nomes que fizeram da Livraria José Olympio ponto de encontro de homens e mulheres notáveis, por mais de duas décadas, até meados do século passado. Nas palavras da autora:

É a história da Livraria José Olympio. Ela se passa num tempo – menos apressado que o de hoje – em que as livrarias eram muito mais do que lojas. Eram espaços de convívio, de bate-papo, de troca de idéias, em que se encontravam desde o estudante à procura do livro escolar até o bibliófilo à cata de uma raridade. O livreiro era conhecido pelo nome, sabia das preferências de cada um de seus clientes mais assíduos, muitos deles fregueses de caderno. E seu estabelecimento fazia parte da vida da cidade. (p. 15).

A esse respeito, destaque-se a longa parceria de José Lins do Rego e Graciliano Ramos, a revelar um dentre vários capítulos diretamente dos bastidores de nossa produção literária:

Zé Lins gostava de saber de antemão as quantas andava seu cartaz e, implicante, promovia uma espécie de concurso de popularidade. Ao avistar um autor, gritava do fundo da Livraria: Fulano, hoje não tem nenhuma carta para você (p. 56).

Outros episódios assinalados na obra dizem respeito às contendas entre os intelectuais que freqüentavam as rodas literárias. Por exemplo: Carlos Drummond de Andrade *versus* Sérgio Buarque de Holanda, por conta do assédio do primeiro à namorada do segundo – “Esse mal-estar fez com que Sérgio morresse sem dizer a Drummond que o considerava o maior nome da poesia brasileira” (p. 34); Marques Rebelo contra Osvaldo Orico, por picuinhas ligadas ao sucesso do primeiro e ao fracasso editorial do segundo: “O pugilato de Rebelo e Orico foi o mais espalhafatoso





entrevero ocorrido na livraria” (p. 72). E há o relato de muitos outros acontecimentos tragicômicos que revelam o lado mais humanizado dos escritores, retirando certa aura surreal, como se costuma veicular em diversos manuais de literatura.

Acima de tudo, Lucila Soares reconta a audácia com que o avô fazia circular as numerosas tiragens de livros, em meio à inclusão ou à rejeição de novos autores, freqüentemente graças ao grau de simpatia ou antipatia nutrido por Graciliano Ramos. Neste sentido, talvez o principal mérito de *Rua do Ouvidor 110* seja o de reproduzir a personalidade e feitos do primeiro grande mecenas nacional. Não por acaso, a trajetória de “Jotaó” ilustra os trejeitos da incipiente indústria do livro no país.

Deve-se dizer que há algo de histórico e outro tanto de afetivo neste tocante depoimento eivado de pesquisa séria, a respeito de vários intelectuais e escritores à roda de José Olympio. E se o leitor espera narrativa de cunho sentimental ou apenas no nível dos testemunhos, prepare-se: trata-se de composição, a um só tempo, direta e concisa, que não se tornou mera compilação de documentos sobre os negócios da Livraria, nem desbragado material de cunho personalista. É que o editor biografado, que tantos nomes apresentou ao grande público, em meio a tiragens corajosas, parece ter legado a Lucila a vocação que não tinha: a das letras. Um outro talento: misto do desejo de se reencontrar com sua infância, em companhia de escritores na casa do avô José, aliado à necessidade de escrever também para remontar a trajetória do homem.

Daí a linguagem leve e ágil – predicados inerentes ao ofício de jornalista –, mas de conteúdo denso, em um livro pautado por datas, recheado de celebridades e marcado por eventos políticos, como revelam os episódios relacionados à sanha de Getúlio Vargas e demais enamorados pela Academia Brasileira de Letras; as rixas entre amigos de longa data; a literatura e a amizade: da oratória aos sopapos.

A presença de Getúlio transformara o que era simples desprezo em verdadeiro asco. Alguns escritores chegaram a firmar um pacto de não-entrada na ABL. Entre os líderes desse movimento estavam Sérgio Buarque de Holanda, Octavio Tarquínio de Sousa e Carlos Drummond de Andrade (p. 117).





Substancialmente, a leitura do livro se adensa à medida que adentramos a (história da) Livraria. E não se pode deixar de registrar que o destino da Editora José Olympio soa triste, pois não parece justo. O capítulo final bem o sugere: “Um brinde ao imponderável”, diante dos feitos do homem que lhe emprestou o nome e fez com que tantos escritores de talento convergissem como parte essencial de sua história, nossa história. Talvez sirva de consolo a tese do próprio biografado: “A vida é feita de acasos, circunstâncias, contingências. Nada mais.” (p. 25).

